

Credores têm pressa

BRAZILIENSE

Brasília, sexta-feira, 13 de julho de 1990 7

em negociar dívida

ADAUTO CRUZ

Os bancos credores estrangeiros querem apressar o processo de negociação com o Governo brasileiro, e se dispõem até mesmo a dar início às conversas antes de uma sinalização do FMI. O emissário dessa mensagem, presidente do Citicorp, John Reed, esteve ontem com o presidente Fernando Collor e com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. Zélia, no entanto, não cedeu aos apelos e disse que o cronograma já estabelecido será mantido, começando pelo acordo com o FMI.

Numa audiência de uma hora com o presidente Fernando Collor, Reed acenou com a possibilidade de o Brasil negociar sua dívida externa com os banqueiros até o final do ano. Reed disse ao Presidente que já existe um clima positivo e favorável às conversações do Brasil com os credores internacionais.

Reed disse à ministra Zélia que o Governo terá facilidade para obter rapidamente um acordo com o Comitê Assessor dos Bancos, sediado em Nova Iorque.

Sempre frisando a participação do comitê, que pode ser dispensada pelas autoridades brasileiras, o presidente do Citicorp deixou clara sua preocupação com a possibilidade da descentralização da negociação da dívida, já executada pela Venezuela.

O Governo brasileiro pretende descentralizar a negociação, para agilizar o processo de entendimento com os credores, uma vez que a estratégia de redução da dívida é diferente para cada um. Dependendo do país onde está operando, o banco enfrenta restrições na legislação bancária que inviabilizam algumas soluções. O mais viável, na avaliação de negociadores brasileiros, seria observar essas características e propor dispositivos de redução do estoque da dívida adequados à legislação.

Os grandes bancos estão temerosos diante da possibilidade da descentralização, porque o acordo através do comitê acaba por favorecer sua posição. Isso porque é impossível negociar iso-

ladamente com centenas de bancos credores, e o comitê decide com base na adesão das instituições que detêm maior volume de créditos. A estratégia de antecipar as negociações visa a impedir a conclusão das conversas que o Governo programa fazer com os credores, no Brasil, a partir deste mês.

Quanto ao comunicado do Icerc (Interagency Country Exposure Review Committee), — órgão ligado ao Bancó Central Norte-Americano que fiscaliza os bancos — determinando aos bancos credores do Brasil que elevassem suas reservas em 20 por cento, para prover a cobertura dos créditos brasileiros não honrados, afirmou:

“Para os bancos americanos é um problema muito importante. Eu creio que o Governo brasileiro já sabia que isso poderia acontecer, pois é parte da realidade externa brasileira. A curto prazo, a consequência é negativa. Mas se olharmos para o futuro, até o final do ano podemos chegar a um acordo”, completou.